Ana Simaens - GEMRev managing-editor.gemrev@iscte.pt

**Addressing state of mind within social theory**

**Confidence becomes a central subject concerning politics as well as social policies.**

**To gain markets confidence has been a priority. To shrink social confidence is a growing risk. People reaction to hard EU/IMF politics includes support to extremes ideologies, around the world. Splitting representative democratic institutions and the people they wish to represent becomes evident and suggests that a social transformation period will rise soon. Growing warmonger ambience and social networking bargain hardly with confidence problems, as well as food and health industries.**

**Social theory should follow these trends and update itself to deal with the ways singularity is rising up. People need to develop confidence. Not as an exoteric receipt but has a vital and existential asset. As sciences of life accept for practical proposes that confidence improves healing, social sciences should develop its own approach to describe and thematize states of mind (positive and negative, active and passive, hierarchical and egalitarian, confident and isolated, for instance).**

**In order to confront immorality of the markets theories (claiming that we all are strangers and isolated bodies and minds) social theory should claim that human nature prefers equality (as Wilkinson and Pickett showed) and needs to attune body and social prospects in order to deliver contributions and participation in better societies. Sociology needs to see the convergence of studies of body, emotions, violence, institutions and norms instead of isolating specializations. All together are needed to draw a social confidence study.**

Estados de espírito estudados pela teoria social

A confiança tem sido tema de debate central na condução das políticas públicas e das políticas sociais. Manter a confiança dos mercados nas sociedades tem sido prioritário. Diminuir a confiança das sociedades nelas mesmas tem sido um risco. A reacção dos povos, inclusivamente acolhendo extremismos políticos tem-se manifestado (nos EUA e na UE, como também na Ucrânia ou na Turquia, no Norte de África e Médio Oriente, nas Américas, etc.).

A confiança entre os sistemas políticos e os seus representados está no centro das transformações sociais em curso. O uso crescente do belicismo e das novas tecnologias de informação para estabelecerem a confiança ou para a desestabilizar é evidente.

Porém, como notou Giddens nos anos 80, os regimes de mobilização da violência para efeitos de controlo social têm estado fora da agenda da teoria social. Como refere Therborn, mais recentemente, a teoria social desenvolveu-se em torno das questões de poder, mas praticamente abandonou as questões da vitalidade (demográfica e de bem-estar) e da construção de identidades sociais (perante o desemprego estrutural, a deslocalização das actividades económicas, a precariedade do trabalho, o aumento das desigualdades e a sua cristalização). A teoria social como que ficou presa no lado de cima de um processo de diferenciação social, crente num progresso do igualitarismo que não está a ocorrer actualmente.

Compreender o que constitui a confiança social (e o que o destrói ou inibe) e o seu impacto na saúde e na mobilização social das pessoas, famílias e comunidades (locais e virtuais) requer uma melhor compreensão sociológica do que sejam os estados de espírito sociais e de como eles se incorporam (ou não) com efeitos práticos nas sociabilidades. O que pode ser feito através dos métodos regulares das ciências sociais, mas exige uma coordenação entre sociologias da violência, dos corpos e das emoções críticas das actuais teorias sociais dominantes, criticadas por Mouzelis e Lahire como reificadoras, reducionistas, com as atenções concentradas nos corredores do poder e no auto-fechamento especializado.